

ARTICULAÇÃO DE MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS NA AMAZÔNIA:

TECENDO REDES ANCESTRAIS NA FESTA DE SÃO BENEDITO DO QUILOMBO DO BARRANCO

Raniele Alana Lima Alves

Mestra em Saúde Pública (PPGVIDA/ILMD Fiocruz/Amazônia), pesquisadora vinculada ao Laboratório de História e Políticas de Saúde na Amazônia (LAHPSA), enfermeira e docente.
E-mail: lanahlima93@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7388-4642>

Rafaela Alíria Lima Alves

Acadêmica de direito da Faculdade La-Salle. E-mail: rafaelaalves43480@gmail.com
Orcid: 0009-0007-4078-3766

Lutana Kokama

Mulher indígena do Povo Kokama, Cacica Geral da Comunidade Parque das Tribos, Presidenta da Associação Indígena e de Moradores da Comunidade Parque das Tribos (AIMPAT).
E-mail: lutanakokama@gmail.com

Keilah Maria da Silva Fonseca

Mulher quilombola do Barranco de São Benedito, Presidenta da Associação das Crioulas do Barranco de São Benedito. E-mail: crioulasdoquilombomanausam@gmail.com

Rosemary Amanda Lima Alves

Mestra em Psicologia (PPGPSI/UFAM), Psicóloga, pesquisadora vinculada ao Laboratório de Desenvolvimento Humano e Educação (LADHU). E-mail: rosemaryalves19@gmail.com.
Orcid: 0000-0003-3111-5911

Resumo: Este artigo relata o encontro de mulheres da Associação das Crioulas do Barranco de São Benedito e de uma mulher indígena, Lutana Kokama. A união destas mulheres e de suas respectivas comunidades aconteceu por ocasião do Festejo de São Benedito realizado no Bairro da Praça 14, em Manaus, no Estado do Amazonas, em 07 de abril de 2023. A abordagem metodológica utilizada foi a cartografia dos sentidos, assim os dados produzidos baseiam-se nas narrativas das sujeitas envolvidas no acontecimento e observação-participante. Evidenciamos que a conexão e articulação das mulheres da Associação das Crioulas do Barranco de São Benedito, com uma mulher indígena em decorrência da tradição da retirada do tronco de madeira para o mastro, fortalece a premissa de que as mulheres negras e indígenas têm protagonizado as lutas coletivas de suas comunidades através da solidariedade mútua, estratégias de articulação que evidenciam o legado ancestral e matriarcal de suas lutas.

Palavras-chave: Mulheres Negras e Indígenas; Ancestralidade; Redes de Afetos; Amazônia.

Abstract: This article reports on the meeting of women from the Associação das Crioulas do Barranco de São Benedito and an indigenous woman, Lutana Kokama. The union of these women and their respective communities took place on the occasion of the São Benedito Festival held in the Praça 14 neighborhood, in Manaus, in the State of Amazonas, on April 7, 2023. The methodological approach used was the cartography of the senses, thus the data produced is based on the narratives of the subjects involved in the event and participant observation. We evidence that the connection and articulation of women from the Associação das Crioulas do Barranco de São Benedito, with an indigenous woman as a result of the tradition of removing the wooden trunk for the mast, strengthens the premise that black and indigenous women have been protagonists in the struggles collectives of their communities through mutual solidarity, articulation strategies that highlight the ancestral and matriarchal legacy of their struggles.

Keywords: Black and Indigenous Women; Ancestry; Affection Networks; Amazon.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo sustentou-se a falácia de que não existiam negros na Amazônia. O apagamento desse grupo social se deu pela narrativa na historiografia local de que tínhamos uma Amazônia predominantemente indígena e pela negação da escravidão em decorrência do seu processo tardio na região (Sampaio, 2011; Salles, 1971). Tal negação foi sendo contestada a partir de estudos como os de Salles (1971) que debruçou sobre a Amazônia paraense negra e Sampaio (2011) que quebrou o silêncio sobre a presença negra no Amazonas, ambos os autores foram alguns dos pesquisadores que evidenciaram a presença e a influência africana no espaço amazônico.

Atualmente sabe-se que a região amazônica tem em sua composição uma pluralidade étnica marcada majoritariamente pelas comunidades tradicionais: povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos. Tais grupos contribuem para a diversidade das identidades amazônicas demonstrado pelas suas expressões culturais e sociais.

Dentro do imaginário estigmatizado criado sobre a Amazônia Torres (2008) enfatiza que as primeiras impressões colocadas do ponto de vista de

cronistas e naturalistas foram postas como verdades absolutas sem levar em consideração a cultura e experiências milenares dos habitantes da região. Dentro desse contexto, Marangoni *et al.* (2017) apontam que atrelado a narrativa de uma Amazônia exótica reforçou-se a imagem da mulher amazônica primitiva, selvagem e sexual, e ainda hoje as mulheres da Amazônia, seja elas indígenas, caboclas, ribeirinhas, da área urbana ou rural ainda experienciam as consequências advindas dessa estrutura patriarcal colonialista.

Brum (2021) em sua obra *Banheiro Òkòtó: uma viagem ao centro do mundo* afirma que a Amazônia é mulher, e enquanto gênero feminino a existência de ambas está ligada à destruição, vinculada a dominação e controle dos seus corpos, reforçando a violência que é reflexo da estrutura patriarcal e misógina da sociedade. O que vai ao encontro do pensamento de Torres (2008) ao pontuar que os corpos das nativas foram utilizados como instrumento de dominação no processo de povoamento e ocupação do território amazônico.

Brum (2021) aponta que as mulheres da região amazônica se colocam coletivamente em defesa dos seus territórios, protagonizando a luta em proteção ao bioma, ao compreenderem que seus corpos são uma extensão desse ecossistema. Assim, elas também vivenciam os processos de violação ocasionados aos seus territórios. Em consideração a isso, a autora afirma que neste século houve um número crescente de mulheres indígenas, quilombolas, ribeirinhas na linha de frente na representação das lutas, e o que antes era uma exceção atualmente já não é mais (Brum, 2021).

Explanado isso, o que nos motivou a escrita deste trabalho foi a necessidade de tornar visível as estratégias de mobilização, solidariedade e resistências protagonizadas pelas mulheres amazônicas negras e indígenas, no chão de seus territórios. Levando em consideração o pensamento de Gonzalez (2018) ao afirmar que não existe uma universalização em relação a categoria mulher, visto que marcadores da diferença como identidade de gênero, raça, classe, sexualidade e território diversificam suas trajetórias de vida.

Além disso, Lélia Gonzalez (2020) em sua obra *Por um feminismo afro-latino-americano* já ressaltava a história de resistência das mulheres negras e indígenas frente ao patriarcado e sexismo em um contexto de Brasil, América Latina e Caribe. Assim, neste relato temos mulheres que carregam em seus corpos experiências símeis relacionadas ao racismo, sexismo e ao viver na Amazônia.

Apresentamos aqui uma das muitas faces da Amazônia, que é mulher, é indígena, quilombola, ribeirinha, urbana e que se subverte frente a invisibilidade e silenciamento imposto pelas epistemologias patriarcas hegemônicas.

Este texto narra o encontro de mulheres da Associação das Crioulas do Barranco de São Benedito e de uma mulher indígena, Lutana Kokama, liderança da Comunidade Parque das Tribos. A união destas mulheres e de suas respectivas comunidades aconteceu por ocasião do Festejo de São Benedito realizado no Bairro da Praça 14, em Manaus, no Estado do Amazonas, em 07 de abril de 2023.

CAMINHO METODOLÓGICO: O TECER DAS REDES

Este trabalho é de cunho qualitativo e foi escrito a partir da experiência das autoras vividas no interior de duas comunidades em contexto urbano, indígena e quilombola. Foram utilizados como ferramentas para o relato, as narrativas das sujeitas envolvidas e a observação-participante. Além disso, este trabalho tem como base teórica metodológica a cartografia deuleziana que se alicerça nos fundamentos teóricos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (Deleuze; Guattari, 1977) em que lançamos mão da perspectiva da cartografia sentimental ou dos sentidos.

Assim, aqui buscamos apoiada em Rolnik (2011) cartografar as paisagens psicossociais. Como método de pesquisa, a cartografia se ancora no campo da esquizoanálise e se volta para o estudo das subjetividades (Romagnoli, 2009), desse modo, a cartografia enquanto método se alicerça no campo da experiência, do vivido.

Segundo Passos; Barros (2009) o caminho metodológico da cartografia não encontra um rigor metodológico como os demais métodos. Os autores complementam ainda que:

A Cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método - não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas (Passos; Barros, p. 17, 2009).

Desse modo, as narrativas aqui apresentadas partem das afetações e implicações das autoras nos encontros com as mulheres quilombolas do Barranco de São Benedito e da mulher indígena liderança da Comunidade Parque das Tribos, Lutana Kokama.

As redes afetivas que unem as autoras com as mulheres quilombolas tiveram início no primeiro encontro com o território, que ocorreu no ano de 2015, quando tivemos a oportunidade de conhecer pela primeira vez a Comunidade. Na ocasião, aconteciam as atividades de encerramento do Festejo de São Benedito.

Assim, vivenciamos ativamente a procissão de encerramento, momento em que ocorre o cortejo da imagem do santo da Comunidade para a igreja de Nossa Senhora de Fátima e sua passagem pelas principais ruas do bairro até o seu retorno à Comunidade, além da famosa e tradicional “derrubada do mastro”.

Mas as marcas das afetações em nossos corpos ficaram registradas com a acolhida da anfitriã da festa, dona Guguta (Edna Lago), quilombola griote, devota de São Benedito e responsável por tocar o sino nas festividades do santo padroeiro. Tia Guguta nos recebeu e nos abordou com um sorriso e simpatia quando estávamos na fila para conhecer São Benedito, na porta da sua casa. Com uma acolhida e afeto de quem parecia que já nos conhecia há bastante tempo, perguntou como estávamos e nos chamou para entrar, foi ela quem nos apresentou a imagem de São Benedito, guardado em sua casa, nos explicou e detalhou sobre as atividades das festividades e logo depois nos convidou para sentar e beber aluá com ela e compartilhou conosco algumas de suas histórias.

Dona Guguta faleceu em 2017, dois anos após nosso encontro, mas deixou marcas em nossos corpos e em nossas memórias de ligações afetivas e de pertencimento àquele território. A sua receptividade afetuosa nos mostrou que não estávamos ali por mera coincidência e foi um elo importante para nos associarmos a Associação das Crioulas do Barranco de São Benedito, reforçando o que a crioula Keilah Fonseca, presidente da Associação das Crioulas nos disse quando nos deu as boas-vindas na Comunidade: “Vocês acham que chegaram até aqui por coincidência”?!

As afetações decorrentes dos encontros com a Comunidade, com o Festejo de São Benedito, com dona Guguta, e as crioulas do Barranco de São Benedito impulsionaram memórias de nossos territórios existências. Pois enquanto mulheres negras amazônidas, com ascendência indígena,

quilombola e ribeirinha pertencentes a uma geração neta de um quilombo rural da região do médio Tapajós no Estado do Pará, muito do que vivenciamos nos encontros com o Quilombo de São Benedito nos remeteu as muitas memórias do que já experienciamos em nossas trajetórias de existência, tudo nos foi familiar e realmente nossa chegada até ali não foi uma coincidência.

O estímulo para a escrita deste relato partiu de um acontecimento que ocorreu nos Festejos de São Benedito no ano de 2023, a conexão e articulação das mulheres da Associação das Crioulas do Barranco de São Benedito, com uma mulher indígena em decorrência da tradição da retirada do tronco de madeira para o mastro. Desta forma, dentro deste acontecimento constituímos um elo nas redes afetivas desse encontro potente, propiciado pelo vínculo estabelecido com a Cacica Lutana Kokama, vínculo inicialmente firmado pelo percurso profissional das autoras enquanto pesquisadoras que a posterior no percurso pessoal foi firmado com laços de afetividade.

Dessa maneira o momento foi protagonizado pelas mulheres de duas comunidades com forte legado ancestral étnico no contexto urbano da cidade de Manaus. Que teve como cenário as festividades do Santo Protetor da comunidade, representação simbólica e material com relevante expressão cultural e ancestral para a Comunidade.

MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS NA LINHA DE FRENTE EM SUAS COMUNIDADES: APORTES INTERSECCIONAIS

Em 2023 acompanhamos um momento histórico no cenário da política brasileira, a posse de uma mulher indígena a frente do Ministério dos Povos Indígenas e de uma mulher negra no Ministério da Igualdade Racial, Sônia Guajajara e Aniele Franco. A cerimônia de posse repercutiu como um momento repleto de simbolismo e representação como afirmada pela ministra Sônia Guajajara “A nossa posse aqui hoje, minha e de Anielle Franco, é o mais legítimo símbolo desta resistência secular preta e indígena do nosso Brasil” (Mídia Ninja, 2021).

1 Vídeo: Posse de Sônia Guajajara e Aniele Franco #AoVivo. Disponível em: https://www.youtube.com/live/aEJYREDdoow?si=5dv_PUrcYOfXNHvP. MÍDIA NINJA, publicado em 11 de jan. 2023.

Figura 1: Ministras Sônia Guajajara e Anielle Franco no dia da posse



Fonte: Ricardo Stucker, 2023.

O acontecimento histórico trouxe a visibilidade da união do povo preto e indígena, protagonizada pelas mulheres. Mas é válido ressaltar que para o povo preto e indígena, grupos sociais que no contexto histórico brasileiro compartilham dos mesmos processos de violências em decorrência da colonização, essa união não é recente. Lian Gaia, mulher indígena, atriz e performer em participação no Programa Sexta Black do GNT ressaltava que:

[...] A aliança do corpo preto e do corpo indígena foi tão forte que fez a gente tá vivo até hoje, porque o plano que traçaram pra gente foi pra acabar com a gente, de falar olha tô contigo, vamos juntos? Porque sozinho eu não consigo. O caminho do quilombo, o caminho de escapar, a gente fez esse caminho junto lá atrás, entende? a gente não pode esquecer de jeito nenhum que a gente tá junto, que a nossa luta ela só funciona junta, ela não funciona separada (Lian Gaia, 2023).

Sobre essa discussão, Akotirene (2019) pode contribuir para o debate, pois em sua obra “Interseccionalidade” a autora aponta o esforço de intelectuais negras em trazer o marcador racial para as discussões que envolvem gênero, classe e cisheteronormatividades. Além disso, a autora ressaltava a importância da ampliação desse campo discursivo para grupos lgbtqiapn+, indígenas, pessoas com deficiência.

A categoria de interseccionalidade no feminismo negro, foi cunhada por Kimberlé Crenshaw nos anos 1980, trouxe uma abordagem fundamental para compreender como diferentes formas de opressão — incluindo raça, gênero, classe, sexualidade e outras dimensões identitárias — se entrelaçam e moldam as experiências das mulheres negras (Akotirene, 2019). Essa ferramenta analítica permite uma análise complexa das dinâmicas de poder e desigualdade. No que diz respeito a experiência relatada nesse artigo, esta categoria é relevante para auxiliar na compreensão das alianças entre mulheres negras e indígenas, especialmente nas lutas por direitos e justiça social.

A interseccionalidade nos oferece um arcabouço teórico que ilustra as conexões e desafios comuns enfrentados por mulheres negras e indígenas. Ambas as identidades carregam uma história de resistência contra a colonização, a escravidão, a exploração de seus corpos e territórios, além de processos de exclusão social que permanecem até os dias atuais. Dessa forma, a articulação entre essas mulheres se manifesta como um espaço de convergência de lutas em que é possível reivindicar direitos individuais e coletivos, ao mesmo tempo em que se fortalecem os laços de solidariedade a partir das particularidades de suas experiências históricas e culturais.

No contexto brasileiro já tivemos algumas experiências dessa articulação, em 2004 durante a I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, que ocorreu em Brasília e foi organizado pela Secretária Especial de Políticas para as Mulheres, foi firmada uma aliança estratégica entre mulheres negras e indígenas (Carneiro, 2004). A “Aliança de Parentesco” como foi chamada a declaração lida por Dirce Veron, que na época era a presidente do Conselho Nacional de Mulheres Indígenas e Negras simbolizou o compromisso político entre mulheres negras e indígenas a fim de combate e superação das desigualdades sociais, políticas, econômicas, culturais e aos mecanismos de opressão (Carneiro, 2004).

A Aliança de Parentesco representou a convocação de uma aliança que sempre foi presente entre as mulheres indígenas e negras. Dentro desse contexto de formação de alianças, queremos destacar, o protagonismo das mulheres negras e indígenas nesses processos de luta e mobilização, sob o ponto de vista da epistemologia do feminismo negro decolonial latino-americano.

Assim, Lélia Gonzalez em sua obra “Por um feminismo afro-latinoamericano” nos apresenta a categoria “amefricanidade”, o conceito criado a partir da experiência afro-latino-americana evidencia o caráter

multirracial e pluricultural das mulheres das Américas. Ao introduzir o conceito Gonzalez (2020) chama a atenção para as opressões vivenciadas pelas mulheres das Américas que se interseccionalizam. Dentro dessa discussão, a autora destaca a dimensão racial, ao pontuar a exclusão vivenciada pelas mulheres negras e indígenas. Desse modo, “amefricanidade” diz respeito ao protagonismo das mulheres negras e indígenas e suas estratégias de resistência frente a dominação colonial (Gonzalez, 2020; Cardoso, 2014).

Hooks (2019) também ressalta em sua obra “Olhares negros: raça e representação” as experiências e elementos em comum existentes entre os povos indígenas e negros em diáspora. A autora aponta que tais similaridades existiam mesmo antes do contato entre tais povos, a comunhão entre os povos decorre principalmente da ancestralidade:

Os africanos que se aventuraram para o “novo mundo” antes de Colombo reconheceram seu destino comum com os povos nativos que lhe deram abrigo e um lugar para descansar. Não vieram para comandar, tomar, dominar ou colonizar. Não ansiavam por cortar seus laços com a memória; não haviam esquecido seus ancestrais. Esses exploradores africanos voltaram para casa pacificamente depois de um tempo de comunhão com os americanos nativos. Ao contrário da insistência colonial imperialista branca de que era “natural” para grupos diferentes entrar em conflito e disputas de poder, os primeiros encontros entre africanos e indígenas oferecem uma perspectiva contrária, uma visão de contato entre culturas onde a reciprocidade e o reconhecimento da primazia da comunidade são afirmados, onde o desejo de dominar e conquistar não era visto como a única maneira de confrontar o Outro que não somos nós. Essa mesma generosidade de espírito foi mencionada posteriormente (Hooks, 2019, p. 268).

Hooks (2019) enfatiza ainda que nessa relação de comunhão entre os povos indígenas e negros, as mulheres sempre tiveram um papel importante no que tange o empenho para afinar e estabelecer a relação entre os dois grupos étnicos.

Em estudos contemporâneos como o de Almeida (2021) observa-se tais modos femininos de fazer política. A autora intitula de “territórios de afetos”, as ações de mulheres quilombolas presentes no cotidiano de um quilombo localizado no Rio de Janeiro. Tais práticas envolvem a transmissão de saberes, além do fortalecimento dos laços entre as pessoas em seus territórios, tais ações as colocam como práticas políticas diferenciadas (Almeida, 2021).

O conceito “território de afetos” criado pela autora nos auxilia na compreensão neste relato a refletir e a perceber que não é de hoje que as

mulheres negras e indígenas buscam transformar a realidade de opressões vivenciadas em seus cotidianos. E fazem isso utilizando tecnologias de cuidado mútuo, fortalecendo os vínculos entre os seus, as suas comunidades. Suas ações de saber-fazer político questionam e tensionam estruturas patriarcas, misóginas, classistas.

O PROTAGONISMO DE MULHERES QUILOMBOLAS NA FESTA DE SÃO BENEDITO NO QUILOMBO DO BARRANCO

A Comunidade do Barranco de São Benedito está localizada no bairro da Praça 14, zona centro-sul da cidade de Manaus. Conforme afirma Rosa (2018) a história do Quilombo do Barranco de São Benedito inicia com a vinda de dona Maria Severa Fonseca, matriarca da família Fonseca, que veio de Alcântara-Maranhão com seus filhos Raimundo, Manuel e Antão. Na condição de ex-escravizada alforriada, “Vó Severa”, como era conhecida, veio com o intuito de buscar melhores condições de vida para sua família. Assim, a história do quilombo de São Benedito tem como uma das sujeitas principais “Vó Severa”.

O território quilombola de São Benedito ao longo dos seus atuais 134 anos de existência mobiliza seus comunitários através da atuação e protagonismo de seus agentes sociais, sobretudo das mulheres da comunidade. Nisso inclui-se a atuação da Associação das Crioulas do Barranco de São Benedito, um coletivo formado majoritariamente por mulheres engajadas na valorização da identidade afro através de diversas atividades como produção de artesanato, oficinas formativas. Embora as mulheres atuem fortemente na comunidade desde o início da Comunidade, a associação foi criada oficialmente somente após o reconhecimento oficial da Comunidade com o certificado de autodefinição pela Fundação Cultural Palmares, no ano de 2014 (Silva, 2017; Rosa, 2018).

Conforme corroboram Silva e Normando (2021):

Após a certificação de Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito surgiu a Associação das Crioulas do Quilombo fundada no dia 26 de setembro do ano de 2014 só por mulheres negras pertencentes a 5ª geração do Quilombo Urbano onde essas mulheres que bem antes de do surgimento da Associação das Crioulas já atuavam a frente lutando pelas causas sociais e culturais da Comunidade (Silva, Normando, p. 29).

Silva (2019) afirma que o protagonismo e articulação das mulheres negras no interior de suas comunidades sempre foram existentes na mobilização das demandas de suas comunidades, enquanto lideranças sociais, embora tenham suas presenças invisibilizadas pela historiografia oficial, em decorrência do machismo, sexismo e patriarcalismo. Além disso, Silva (2019) ao abordar o protagonismo das mulheres quilombolas no contexto urbano de São Benedito, e também no contexto rural, tendo como cenário o Quilombo do Rio Andirá, no município de Barreirinha aponta que apesar de estarem localizados em espaços geográficos distintos apresentam em suas lutas demandas semelhantes, como a luta pelo território. Para mais, a autora explana que as mulheres dentro dos seus territórios quilombolas foram sujeitas principais no processo de certificação de suas comunidades (Silva, 2019).

Uma das maiores expressões da Comunidade é a força e presença das mulheres negras a frente da organização dos festejos de São Benedito (Silva, 2017). O Festejo em homenagem a São Benedito é uma festa que congrega atividades de cunho da religião católica, como também evidencia o sincretismo religioso através dos rituais profanos que fazem parte da festa. Além disso, cabe destacar que há o predomínio das mulheres na organização dos festejos (Rosa, 2018).

Como também destacado por Silva (2019):

Na comunidade do Quilombo de São Benedito, depois da Morte de Felipe Beckman, quem assume a organização dos festejos de São Benedito é a filha mais velha de Paula Fonseca e Raimundo Fonseca, que era neta e afilhada de Felipe. A sucessora dele foi Bárbara Nascimento Fonseca. Com a morte de Bárbara, assume a saudosa “quituteira” Maria de Lourdes Fonseca, a irmã caçula de Bárbara. Tia Lourdinha é muito lembrada por sua atuação à frente dos festejos de São Benedito, onde atuou por mais de 45 anos. Na época da festa do aniversário da praça 14 e carnaval, ela era muito requisitada por repórteres e pesquisadores, dentre eles se tem a entrevista que a mesma cedeu a Mario Ypiranga Monteiro no livro “Cultos e festas profanas”. Daí, logo se vê que as mulheres desta comunidade sempre estiveram desempenhando algum papel de destaque no local em que residem. Na comunidade, a figura feminina como liderança, sempre foi destaque, tanto na localidade, como fora dela (Silva, p. 15, 2019).

O festejo de São Benedito é uma das festas mais tradicionais do bairro da Praça 14 de Manaus, geralmente inicia-se na semana santa, no sábado de aleluia e ocorre anualmente. O festejo inicia com o levantamento do mastro, a realização do novenário diariamente e finaliza com a procissão pelas ruas do bairro em honra ao santo e para fechar as festividades ocorre a festa do

arranca-toco, que é o resto do mastro cortado e acontece no último dia do mês (Silva, 2011). Atualmente quem coordena as festividades é a crioula Jamily Souza da Silva, que desde o ano de 2009, após a morte de Jacimar Souza da Silva (tia Cimá), assumiu o posto na coordenação dos festejos.

Dentre as atividades da festividade, uma das ritualísticas mais simbólicas consiste em torno do mastro, que se refere ao tronco de madeira que é retirado na floresta e passa por um processo de secagem, para ser enfeitado com frutas e flores (Silva, 2011; Rosa, 2018). O momento é um dos rituais mais aguardados no festejo, e tem uma simbologia de “ligação entre o céu e a terra” (Silva, p. 177, 2011).

No dia da retirada do tronco de árvore da floresta, a comunidade se reúne para retirar a madeira que se transformará em mastro. Como afirma Rosa (2018):

Para realizar a festa é necessário retirar madeira para a confecção do mastro, representado por um tronco de árvore chamada envireira, que mede aproximadamente 12 metros, e mais ou menos 70 centímetros de diâmetro. Ele é extraído da mata pelos homens da comunidade, também acompanhados pelas mulheres e crianças moradoras do quilombo (Rosa, p. 79, 2018).

O dia da retirada do mastro, uma tradição que se mantém ao longo da existência do festejo, infelizmente não pôde ocorrer no ano de 2020 e 2021 em decorrência da Pandemia de Covid-19. A crise sanitária, humanitária e social que assolou o mundo, alterou a dinâmica de vida na comunidade quilombola urbana de São Benedito. Na comunidade, a pandemia foi sentida de forma cruel e dolorosamente marcada pela perda da crioula Jeniffer Nascimento, uma das membros fundadoras da Associação das Crioulas, que foi acometida pelo vírus.

AGENCIAMENTOS E A ARTICULAÇÃO ENTRE MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS NO FESTEJO DE SÃO BENEDITO

No ano de 2023, ano em que o festejo chegou a sua centésima trigésima terceira edição, a tradição da retirada do mastro ameaçou de não ocorrer devido à ausência de um local para a retirada do tronco de madeira. Mediante essa situação foi cogitado até a possibilidade de utilizar um mastro simbólico.

Entretanto, a ocasião propiciou a articulação entre as mulheres da Comunidade Quilombola Urbana e a Comunidade Indígena Urbana Parque das Tribos, liderada pela Cacica Lutana Kokama. Ao saber, através das associadas

da Associação das Crioulas, Rosemary Alves e Alana Alves, que o ritual de levantamento do mastro poderia não ocorrer, a liderança indígena prontamente se prontificou para ajudar. O momento foi registrado em um vídeo feito pela Cacica Lutana e compartilhado no grupo de WhatsApp da Associação das Crioulas de São Benedito.

Era epe karuka! Boa tarde a todos do quilombo, né. Estou aqui através desse vídeo divulgando porque nós temos as parceiras que estão com a gente aqui no Centro Cultural Mainuma, no Parque das Tribos, né e desde já quero desejar, né a festa que vai acontecer no mês que vem e dizer que a gente está aqui para ajudar na questão do material que vocês estão querendo para levantar o mastro de São Benedito, então aqui estamos e que vocês sejam bem vindos a nossa Comunidade pra vim atrás desse material e temos homem também que podem ajudar vocês e levar vocês até a mata pra poder tirar esse pau. Desde já agradeço a todos e tenham uma boa tarde e Yshuru Pak, que quer dizer obrigada! (Cacica Lutana Kokama em vídeo enviado especialmente para o grupo de WhatsApp da Associação das Crioulas do Quilombo de São Benedito em 04 de Abril de 2023).

Figura 2: Cartaz de atividades da programação do Festejo de São Benedito no ano de 2023.



Fonte: Arquivo da Comunidade, 2023.

A mensagem da Cacica Lutana foi o movimento disparador para a aproximação entre as comunidades, visto que sua mensagem foi bem recebida pelas mulheres da Associação das Crioulas, que prontamente aceitaram a ajuda oferecida pela Cacica. Keilah Fonseca articulou junto a

comissão organizadora dos festejos a disponibilidade de ajuda da Cacica Lutana. Desse modo, a tessitura dessa rede de mulheres foi se fortalecendo. Após a mensagem do vídeo ser propagada entre a comunidade e a comissão de organização dos festejos que é composta pelos quilombolas, foi-se articulado e planejado a ida dos comunitários para a retirada do mastro na Comunidade Parque das Tribos.

A ida a Comunidade Parque das Tribos ocorreu em 07 de abril de 2023, em uma sexta-feira da paixão, foi um dia atípico, visto que geralmente nos anos escolhe-se o dia de domingo para retirar o tronco da floresta. Estavam presentes na ida a Comunidade Jamily Fonseca, Rômulo Fonseca, Klaus Fonseca, Rosemary Alves, Alana Alves, Rafaela Alves, Cassius Fonseca, além de outro comunitário que é devoto de São Benedito e sempre se disponibiliza a auxiliar no transporte do tronco do mastro. Assim o grupo saiu do Quilombo com destino a Comunidade Parque das Tribos, o ponto de encontro foi na rua Japurá, onde localiza-se o Pagode do Quilombo.

A chegada à Comunidade Parque das Tribos foi um momento importante e permeado de emoção, visto que para os quilombolas Jamily, Rômulo, Klaus e Cassius eram a primeira vez que estavam conhecendo a comunidade e a liderança indígena Lutana Kokama. No encontro os quilombolas compartilharam as suas vivências e a história do Quilombo de São Benedito, além de agradecer a ajuda oferecida pela Cacica, pois evidenciaram como era importante a manutenção da tradição do levantamento do mastro no festejo de São Benedito. Além disso, a Cacica também compartilhou a história da sua família, do seu povo Kokama, e de como se deu a criação da Comunidade Parque das Tribos.

A Comunidade Parque das Tribos está localizada dentro do bairro Tarumã-açu, zona oeste da cidade de Manaus. A região do Tarumã-açu é cortada pelo Rio Tarumã e apresenta outras comunidades indígenas em seu território. A Comunidade Parque das Tribos é a comunidade com maior presença de famílias indígenas e não indígenas, além de maior expressão étnica, com a presença de 35 etnias (Alves, 2023). Atualmente quem ocupa o maior cargo de liderança da Comunidade, Cacique Geral da Comunidade, é a Cacica Lutana Kokama.

A história da vinda de sua família, que veio do interior da região do Médio Solimões para Manaus é intrínseca a história de criação da Comunidade, visto que foi sua família que primeiro ocupou o território que hoje é a Comunidade. Além disso, Lutana Kokama foi quem enfrentou o

processo para a legalização territorial da Comunidade, organizou toda a documentação necessária.

Dentre as histórias e trajetórias compartilhadas no encontro foram evidenciadas as vivências semelhantes no tocante ao racismo, os estigmas em torno da identidade étnica, a luta pelo território no contexto urbano, além das dificuldades de manutenção de seus aspectos culturais no contexto urbano.

Um dos momentos que foram vistos pelos quilombolas como sinal da providência divina e intercessão de São Benedito foi que o indígena que acompanhou os quilombolas a entrar na mata, para auxiliar na retirada do tronco de madeira, o mateiro, se chama Benedito e seu nome foi dado em homenagem a São Benedito.

Além disso, o nome da rua em que a Cacica Lutana mora se chama Puranga, e segundo relato dos quilombolas, Puranga era o apelido do Nestor Nascimento, uma das maiores lideranças do movimento negro do Amazonas, primo dos quilombolas da Família Fonseca. Assim o encontro dos quilombolas com a Cacica Lutana e a Comunidade Parque das Tribos não foi uma mera coincidência, foi intercedido por São Benedito que move a Comunidade.

Figura 3: Momento de retirada do tronco de madeira na Comunidade Parque das Tribos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

O tronco de madeira foi retirado de um fragmento de floresta, a reserva florestal da comunidade que fica localizado dentro da Comunidade Parque das

Tribos. Antes da entrada na mata, a Cacica Lutana pediu a autorização dos seres vivos da floresta e proteção para a entrada de todos na mata, o momento ocorreu no quintal de sua casa. A entrada na mata foi seguida da escolha da árvore, logo após da escolha, iniciou-se a derrubada do tronco, através das machadadas pelos presentes que alternaram até que o tronco foi derrubado.

Após esse momento, a Family conduziu as orações e preces em torno da base do tronco, além de acender as velas com a participação de todos os presentes. Também se marcou o lugar onde o tronco foi derrubado e em seu lugar foi plantada outra árvore.

Figura 4: Momento de realização do transporte do tronco de madeira



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Após a retirada do mastro, os quilombolas seguiram com o transporte do tronco para a Comunidade do Barranco de São Benedito para prosseguimento das atividades do ritual, e a preparação para o levantamento do mastro na Comunidade. Ao chegar na comunidade, foi realizado a preparação e ornamentação do mastro com frutas.

Ademais, importante ressaltar que a Cacica Lutana Kokama foi a comunidade para conhecer as festividades em homenagem a São Benedito. Desse modo, ela acompanhou o momento em que os comunitários estavam ornamentando o andor de São Benedito para a procissão, e pôde estar junto no momento da saída do santo para a procissão nas ruas do bairro. A comunidade retribuiu a visita doando para a Comunidade Parque das Tribos cestas básicas que foram entregue pelas associadas Rosemary Alves, Rafaela Alves e Alana Alves na residência da Cacica Lutana.

Outro momento que merece destaque foi o convite feito a Cacica Lutana para participar do dia dedicado a celebração da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, comemorado na data do dia 25 de julho. O evento acontece anualmente no Quilombo do Barranco e no ano de 2023 teve a sua 5^o edição, que foi realizado no dia 30 de julho, em um domingo.

Para celebrar a data a programação teve uma roda de conversa cujo tema foi: “Memórias de Plantação: A luta das mulheres afro-ameríndias amazônicas contra o racismo e desigualdades do cotidiano”. Além da Cacica, a roda de conversa teve a participação de Rafaela Fonseca, Jamily Souza, Keilah Fonseca, Valéria Baniwa, Izabel Munduruku. Em entrevista concedida Jamily reforçou a relevância do encontro entre as mulheres negras e indígenas:

“Sempre o que gosto muito é a troca de experiências. Agora a gente vai ter a oportunidade de ter uma troca bem mais ampla. Vamos ter a oportunidade de conversar com as nossas parentes indígenas. Esse ano, durante a festa de São Benedito, criou esse laço muito forte com pessoal do Parque das Tribos [localizado no Tarumã, em Manaus]. Lá a gente já viu o desejo de fazer essa troca. Pra mim isso é algo que sempre temos nessas rodas. A gente leva para o resto das nossas vidas” (Jamily Fonseca, 2023 em entrevista ao jornal eletrônico Real Times 1).

CONSIDERAÇÕES

Na experiência relatada mulheres negras e indígenas ao se mobilizarem em torno da Festa de São Benedito e outras iniciativas, elas mostram como o

poder da coletividade, da ancestralidade e do protagonismo feminino transcende barreiras simbólicas, materiais e epistêmicas, afirmando uma força que molda o presente e lança bases para o futuro de resistência e transformação, destacando a importância de seus diálogos para a construção de uma sociedade mais justa.

A partir das articulações promovidas pelas mulheres negras e indígenas em suas comunidades, evidencia-se que sua presença nas cidades assume dimensões simbólicas, materiais e epistêmicas. Simbolicamente, a atuação dessas mulheres resgata e valoriza práticas ancestrais, transmitindo conhecimentos que desafiam narrativas coloniais e reafirmam identidades culturais por meio de rituais, celebrações e manifestações culturais, como a Festa de São Benedito no Quilombo do Barranco. Materialmente, tais mulheres mobilizam recursos, promovem a sustentabilidade local e garantem a preservação de territórios comunitários, sendo protagonistas em iniciativas de economia solidária e ações coletivas que transformam espaços urbanos em lugares mais equânimes.

Epistemicamente, seu legado é forjado pela transmissão de saberes ancestrais e contemporâneos, constituindo redes de conhecimento que impactam políticas públicas e práticas sociais. No contexto atual, mulheres negras e indígenas desempenham papel fundamental nos diálogos articulados em defesa dos direitos individuais e coletivos. Por meio de lideranças comunitárias, encontros e alianças com movimentos sociais, elas fortalecem demandas por saúde, educação e reconhecimento cultural, reconfigurando espaços urbanos em territórios de resistência e transformação. Suas ações criam pontes entre o passado e o presente, criando redes de solidariedade que garantem a continuidade da luta pelos direitos das mulheres e de suas comunidades.

Em suma, tais mulheres demonstram que seus esforços não são isolados, mas fazem parte de uma luta contínua e integrada pela construção de direitos, equidade e respeito às suas tradições e demandas de seus territórios.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, CARLA. **INTERSECCIONALIDADE**. SÃO PAULO: POLÊM, 2019.

ALMEIDA, MARILÉA DE. TERRITÓRIO DE AFETOS: PRÁTICAS FEMININAS ANTIRRACISTAS NOS QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS DO RIO DE JANEIRO. **HISTÓRIA ORAL**. V.24, N.2, P. 293-309, 2021. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REVISTA.HISTORIAORAL.ORG.BR/INDEX.PHP/RHO/ARTICLE/VIEW/1209/106106106287](https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1209/106106106287). ACESSO EM: 20 MAIO 2024.

ALVES, RANIELE ALANA LIMA. **REDES VIVAS NA AMAZÔNIA INDÍGENA URBANA: CARTOGRAFIA DO ACESSO AOS SERVIÇOS DE SAÚDE E PRODUÇÃO DO CUIDADO EM MANAUS/AM**. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM CONDIÇÕES DE VIDA E SITUAÇÕES DE SAÚDE NA AMAZÔNIA) – INSTITUTO LÊONIDAS E MARIA DEANE, 2023. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.ARCA.FIOCRUZ.BR/HANDLE/ICICT/62879](https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/62879). ACESSO EM: 20 MAIO 2024.

BRUM, ELIANE. **BANZEIRO ÔKOTÓ: UMA VIAGEM A AMAZÔNIA CENTRO DO MUNDO**. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2021.

CARDOSO, CLÁUDIA PONS. AMEFRICANIZANDO O FEMINISMO: O PENSAMENTO DE LÉLIA GONZALEZ. **REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS**, V. 22, N.3, P. 965-985, SET. 2014. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.SCIELO.BR/J/REF/A/TJMLC74QWB37TNWV9JKNBK/#](https://www.scielo.br/j/ref/a/TJMLC74QWB37TNWV9JKNBK/#). ACESSO EM: 30 ABR.2024.

CARNEIRO, SUELI. ALIANÇA DE PARENTESCO. **PORTAL GELEDÉS**. SÃO PAULO. 27 JUL. 2004. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.GELEDES.ORG.BR/ALIANCA-DE-PARENTESCO/](https://www.geledes.org.br/alianca-de-parentesco/). ACESSO EM: 30 ABR. 2024.

DELEUZE, GILLES; GUATTARI, FÉLIX. **MIL PLATÔS: CAPITALISMO E ESQUIZOFRENIA**. TRADUÇÃO: PETER P. P; JANICE C.V.5. SÃO PAULO: EDITORA 34, 1997.

ENCONTRO COM DEBATES E MÚSICA CELEBRA DIA DA MULHER NEGRA. **REAL TIME 1**, MANAUS/AMAZONAS: 24 DE JUL. 2023. EM: DIA-A-DIA. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REALTIME1.COM.BR/ENCONTRO-COM-DEBATES-E-MUSICA-CELEBRA-DIA-DA-MULHER-NEGRA/](https://realtime1.com.br/encontro-com-debates-e-musica-celebra-dia-da-mulher-negra/). ACESSO EM 30 MAIO 2024.

GONZALEZ, LÉLIA. **POR UM FEMINISMO AFRO-LATINO AMERICANO**. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 2020.

GONZALEZ, LÉLIA. **PRIMAVERA PARA AS ROSAS NEGRAS: LÉLIA GONZALEZ EM PRIMEIRA PESSOA. DIÁSPORA AFRICANA: EDITORA FILHOS DA ÁFRICA, 2018.**

HOOKS, BELL. **OLHARES NEGROS: RAÇA E REPRESENTAÇÃO. SÃO PAULO: ELEFANTE, 2019.**

MARANGONI, VÍVIAN SILVA LIMA; DINIZ, GLAUCIA RIBEIRO STARLING; NEVES, ANDRÉ LUIZ MACHADO DAS; PONTES, MUNIQUE THERENSE COSTA DE MORAIS; MARTINS, GIZELLY DE CARVALHO. PANORAMA DAS CONDIÇÕES FEMININAS NO AMAZONAS: DO PERÍODO COLONIAL AO SÉCULO XX. **INTERFACES CIENTÍFICAS – HUMANAS E SOCIAIS**, [S. L.], v. 6, n. 1, p. 21–32, 2017. DOI: 10.17564/2316-3801.2017V6N1P21-32. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://PERIODICOS.SET.EDU.BR/HUMANAS/ARTICLE/VIEW/3833>. ACESSO EM: 18 ABR. 2024.

MÍDIA NINJA: POSSE DE SONIA GUAJAJARA E ANIELLE FRANCO#AOVIVO. **MÍDIA NINJA**, 2023. 1 VÍDEO(2H13MIN18S). 11 JAN. 2023. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/LIVE/AEJYREDDOOW>. ACESSO EM: 15 ABR. 2024.

PASSOS, EDUARDO; BARROS, REGINA BENEVIDES DE. A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO DE PESQUISA-INTERVENÇÃO. IN: PASSOS, E. ET AL.(ORG). **PISTAS DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA: PESQUISA-INTERVENÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE. PORTO ALEGRE: SULINA, P.17–31, 2019.**

ROLNIK, SUELI. **CARTOGRAFIA SENTIMENTAL: TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DO DESEJO. PORTO ALEGRE: SULINA; EDITORA DA UFRGS, 2011.**

ROMAGNOLI, ROBERTA CARVALHO. A CARTOGRAFIA E A RELAÇÃO PESQUISA E VIDA. **PSICOLOGIA & SOCIEDADE**, v. 21, n. 2, p. 166–173, MAIO 2009. DISPONÍVEL EM: <CIELO.BR/J/PSOC/A/ZDCCTKBXYHJDVYL4VS8CXWH/ABSTRACT/?LANG=PT#>. ACESSO EM: 15 ABR. 2024.

ROSA, VINÍCIUS ALVES. **A COMUNIDADE DO BARRANCO DE SÃO BENEDITO EM MANAUS: PROCESSOS PARA O RECONHECIMENTO DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA. 2018. 153 P. DISSERTAÇÃO (MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS)– ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS, 2018.** DISPONÍVEL EM: <HTTPS://POS.UEA.EDU.BR/DATA/AREA/DISSERTACAO/DOWNLOAD/34-1.PDF>. ACESSO EM: 15 ABR. 2024.

SALLES, VICENTE. **O NEGRO NO PARÁ, SOB O REGIME DA ESCRAVIDÃO. RIO DE JANEIRO. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 1971.**

SAMPAIO, PATRÍCIA MELO. **O FIM DO SILÊNCIO: PRESENÇA NEGRA NA AMAZÔNIA.** BELÉM, EDITORA AÇAÍ/CNPQ, 2011.

SEXTA BLACK: QUEM É INDÍGENA NO BRASIL?(ENTREVISTA COM LIAN GAIA) – 3ª TEMPORADA. SÃO PAULO: GLOBO PLAY, 2023. 1 VÍDEO (24 MIN). DISPONÍVEL EM: GLOBOPLAY. GLOBO.COM. ACESSO EM: 30 MAIO 2024.

SILVA, JAMILY SOUZA. A FESTA DE SÃO BENEDITO NO BAIRRO DA PRAÇA 14. IN: SAMPAIO, PATRÍCIA MELO (ORG). **O FIM DO SILÊNCIO: PRESENÇA NEGRA NA AMAZÔNIA.** BELÉM, EDITORA AÇAÍ/CNPQ, P. 173-190, 2011.

SILVA, LEONARDO HENRIQUE SCANTBELRUY LEITE DA. **DIÁLOGOS EM RESISTÊNCIA: O TECIDO CIRCENSE E O QUILOMBO URBANO BARRANCO DE SÃO BENEDITO.** 2017. 61 P. (TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO) – ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS, 2017. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://RI.UEA.EDU.BR/SERVER/API/CORE/BITSTREAMS/1ED3186A-6AF8-418F-BF87-CA02B3B31F1F/CONTENT](https://ri.uea.edu.br/server/api/core/bitstreams/1ed3186a-6af8-418f-bf87-ca02b3b31f1f/content). ACESSO EM: 15 ABR. 2024.

SILVA, RAFAELA FONSECA. **O PROTAGONISMO DAS MULHERES DO QUILOMBO URBANO DE SÃO BENEDITO E QUILOMBO RURAL DO ANDIRÁ-MANAUS/AM: LIDERANÇA, MOVIMENTO E RESISTÊNCIA PARA COMBATER A INVISIBILIDADE.** TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (PÓS-GRADUAÇÃO) PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, ETNICIDADES E POLÍTICAS PÚBLICAS NA AMAZÔNIA – INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS – IFAM. 2019.

SILVA, RAFAELA FONSECA; NORMANDO, TARCÍSIO SERPA. CRIULAS DO QUILOMBO E AS FRONTEIRAS ANTIRRACISTAS. **ANAIS DO VII SETA- SIMPÓSIO EM ENSINO TECNOLÓGICO DO AMAZONAS: ENSINO TECNOLÓGICO EM CONTEXTO: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA O SÉCULO XXI.** (ORGS. NORMANDO, T. S. ET AL. P. 26-34, 2022. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://DRIVE.GOOGLE.COM/FILE/D/1NZHZVNUJ69M_DY1GDOXOPZMZOTRTT-L2/VIEW](https://drive.google.com/file/d/1NZHZVNUJ69M_DY1GDOXOPZMZOTRTT-L2/view). ACESSO EM: 30 ABR. 2024.

TORRES, IRAILDES CALDA. A FORMAÇÃO SOCIAL DA AMAZÔNIA SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO. **ANAIS DO FAZENDO GÊNERO 8 – CORPO, VIOLÊNCIA E PODER,** 2008. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.WWC2017.EVENTOS.DYPE.COM.BR/FG8/STS/ST19/IRAILDES_CALDAS_TORRES_19.PDF](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST19/IRAILDES_CALDAS_TORRES_19.pdf). ACESSO EM 25 MAIO 2024.